

# MAYA

Autora bestseller do New York Times e do USA Today

# BANKS

«Quente  
o suficiente  
para fazer suar  
os leitores  
mais frios.»

# Protege-me

Ele fará tudo para tê-la sempre ao seu lado.

TOP  
SEL  
LER

*Para May Chen,  
pela sua tenacidade, que me permitiu escrever uma história  
que existia na minha cabeça há muitos anos.  
Beijinhos...*

# Um

Caleb Devereaux saiu da estrada sinuosa e entrou no caminho que conduzia até à pequena cabana de montanha, praguejando enquanto acertava em buraco após buraco. Fervilhava de fúria e impaciência, mas a expectativa de, finalmente, ter encontrado Ramie St. Claire depois de uma busca exaustiva evitava que o seu humor fosse completamente sombrio.

Ramie era a única esperança da sua irmã, Tori.

Assim que Tori fora raptada, Caleb começou em busca do paradeiro de Ramie St. Claire. Ela não era, certamente, a primeira escolha na lista da maioria das pessoas que estavam à procura de um ente querido desaparecido. Ramie era médium e tinha sido útil a localizar vítimas no passado. Embora muitos pudessem ser céticos, Caleb acreditava totalmente nas suas capacidades.

A sua própria irmã tinha talentos mediúnicos.

Ele e os irmãos, Beau e Quinn, tinham sido sempre extremamente protetores para com a irmã mais nova. E com boas razões para isso. Caleb era o líder de um verdadeiro império, e a segurança era uma prioridade. Tinham temido sempre a possibilidade de sequestro, mas nem nos seus piores pesadelos imaginou que Tori fosse, simplesmente, desaparecer, ficando à mercê de um louco.

Não tinha havido qualquer pedido de resgate. Apenas um vídeo de Tori, de mãos e pés atados, e a gargalhada maníaca do seu raptor ao dizer a Caleb para se despedir da irmã.

Ele rezava apenas para que não fosse tarde demais. *Meu Deus, que não seja demasiado tarde para a Tori.*

Enfurecia-o o facto de Ramie St. Claire ter desaparecido há três meses. Nenhum vestígio, nenhuma morada nova. Nenhuma prova da sua existência. Sendo uma ajuda inestimável na busca de vítimas de rapto e pessoas desaparecidas, como é que podia, pura e simplesmente, desaparecer? Era muito egoísmo da sua parte recusar-se, com esta atitude, a ajudar alguém.

Quando parou o carro junto à pequena cabana, que parecia não ser capaz de resistir ao inverno seguinte, estava absolutamente furioso. Não tinha sequer a certeza de que houvesse electricidade. Só uma pessoa decidida a não ser encontrada viveria num lugar assim.

Saiu do carro e avançou até à porta da frente, velha e a cair aos pedaços, erguendo o punho e batendo violentamente. A porta abanou, estalando com a força das suas pancadas. Apenas o silêncio lhe respondeu, o que o enfureceu ainda mais.

— Ramie St. Claire! — rugiu. — Abra o raio da porta!

Bateu novamente, gritando para que ela respondesse. Soava, provavelmente, como o louco que tinha a sua irmã, mas já não se importava. Estava mais do que desesperado. Usara todos os recursos à sua disposição para encontrar Ramie. Não se iria embora até ter conseguido obter a informação que procurava.

Então, a porta abriu-se e ele foi saudado pela visão de uma mulher pequena, de olhos cinzentos e cautelosos. Momentaneamente surpreendido, ficou em silêncio enquanto olhava para Ramie St. Claire, em pessoa, pela primeira vez.

As fotografias que vira não lhe faziam justiça. Tinha um ar delicado, como se estivesse a recuperar de uma doença, mas que em nada prejudicava a sua beleza. Parecia... frágil. Por um breve instante, sentiu culpa pelo que estava prestes a pedir-lhe, mas ignorou-o. Nenhum preço a pagar pela vida da irmã era demasiado alto.

— Não o posso ajudar.

As suas palavras, ditas com suavidade, deslizaram como veludo pelos ouvidos dele, em contraste direto com a raiva que a sua recusa causava. Ainda nem sequer tinha feito o seu pedido e ela já o estava a despachar.

— Nem sequer sabe o que quero — disse ele num tom gelado que faria encolher a maioria das pessoas.

— É bastante óbvio — disse ela num tom cansado, a fadiga fazendo-a baixar as pálpebras. — Por que outra razão é que viria tão longe? Nem sequer quero saber como me encontrou. É óbvio que fiz um péssimo trabalho a cobrir o meu rasto se me conseguia encontrar aqui.

Caleb franziu o sobrolho. Teria ela estado doente? Teria sido esse o motivo do seu desaparecimento, para que se pudesse recuperar? Não importava a razão, agora que a encontrara. Não lhe interessavam os seus motivos.

— Com as suas capacidades, porque faz com que seja tão difícil encontrá-la? — exigiu ele saber. — A vida da minha irmã está em jogo, Ramie. Não estou apenas a pedir-lhe que me ajude. Não me vou embora até que o faça.

Ela abanou a cabeça veementemente, com o medo a afugentar a letargia dos seus olhos.

— Não posso.

Havia um desespero silencioso nas palavras dela que lhe indicou que aquela recusa continha mais do aquilo que aparentava. Havia algo de errado, mas, ainda assim, Caleb não conseguia sentir qualquer espécie de remorso por forçar a sua ajuda. Não quando a vida de Tori estava em risco.

Enfiou a mão dentro do casaco e tirou a écharpe de Tori. A única coisa encontrada no local do rapto. No parque de estacionamento de um supermercado, junto à porta aberta do seu carro. Nunca a devia ter deixado ir sozinha. Falhara. Falhara em protegê-la, em garantir uma segurança adequada.

Ramie recuou imediatamente, deixando escapar um gemido desesperado dos lábios. Ele avançou, enfiando a écharpe à força

nas suas mãos, segurando-lhe as mãos para que não conseguisse escapar. Ela emitiu um soluço abafado e ergueu os olhos para ele, apavorada, enquanto o seu rosto ficava estranhamente pálido. As suas pupilas dilataram-se e nublaram-se, e o seu rosto ficou marcado com dor e devastação.

— Não — sussurrou ela. — Outra vez não. Oh, meu Deus, outra vez não. Não vou sobreviver a isto.

Os seus joelhos cederam e ela quase caiu. Caleb agarrou-a, garantindo que a écharpe se mantinha em contacto com as mãos dela. Observou, horrorizado, o corpo de Ramie colapsar, escorregando das suas mãos apesar dos seus esforços para lhe suportar o peso. Ela ficou simplesmente sem vida, mole como uma boneca de trapos. Ele pôs-a rapidamente no chão, decidido a que ela não largasse a écharpe de Tori. Mas isso já não parecia importar. Ramie estava noutra lugar.

Os olhos dela ficaram vidrados e o seu corpo começou a tremer, com espasmos. Ela enrolou-se em posição fetal e a fragilidade dessa medida de autoproteção deixou-o destroçado. Ela gemeu suavemente e, depois, começou a chorar.

— Por favor, não me magoe novamente. Por favor, imploro-lhe. Não aguento mais. Se me vai matar, faça-o. Pare de me torturar.

A nuca de Caleb foi percorrida por arrepios ao ouvir a voz de Ramie, quase *idêntica* à de Tori. Estaria ele a testemunhar o que estava a acontecer à sua irmã através de Ramie?

A cena que Ramie apresentava era horrível. Não só pelo facto de a sua irmã estar, nesse exato momento, a sofrer o pior mas também porque, segundo o que parecia, Ramie estava a sofrer com ela.

Ele tinha, claro, investigado as capacidades de Ramie St. Claire, mas, além do seu surpreendente registo de sucessos, havia muito poucas informações. Não tinha encontrado qualquer referência a *como* conseguia ajudar as vítimas ou aos efeitos que isso tinha sobre si. Que Deus os ajudasse a todos. Que fora ele fazer?

O corpo dela foi sacudido e demorou apenas um instante para Caleb perceber o que estava a acontecer. Era demasiado óbvio. Sentiu a garganta a apertar-se e teve de controlar a respiração para não despejar o conteúdo do estômago no chão. Lágrimas queimavam-lhe as pálpebras enquanto, através da janela da consciência de Ramie, observava impotentemente a irmã a ser violada.

O choro de Ramie despedaçou-lhe o coração e ele, aflito, pegou-a ao colo, não sabendo o que mais fazer a não ser embalá-la suavemente.

— Tori? — sussurrou ele, sem saber se teria sido criada uma ligação através de Ramie. — Consegues ouvir-me? É o Caleb. Diz-me onde estás, querida. Eu vou buscar-te. Aguenta, por favor. Não desistas, mesmo que seja difícil.

A cabeça de Ramie foi sacudida para o lado e a marca de uma mão apareceu imediatamente na sua face. Caleb ficou horrorizado, sem saber o que fazer agora que tinha ultrapassado um ponto a partir do qual não podia regressar. Tentou conter a sua culpa, dizendo a si mesmo que tudo o que o ajudasse a recuperar a irmã valia a pena. Mas será que isso incluía torturar uma mulher inocente?

Caleb não lhe dera escolha. Ela dissera-lhe que não e, ainda assim, ele forçara-a, sem saber qual o pesado preço a pagar por isso. Ele não fazia ideia de como os poderes dela funcionavam e, agora que sabia, sentia-se profundamente agoniado. Não admirava que ela tivesse resistido tanto. Não admirava que lhe tivesse dito que não podia continuar a fazer aquilo.

— Ramie. Ramie! — insistiu ele. — Volte, Ramie. Tem de me dizer como ou onde a encontrar.

Os olhos de Ramie estavam abertos, mas tão distantes que ele percebeu que ela não estava ali. A marca da mão no seu rosto era bem visível, de um vermelho intenso contra a sua pele mortalmente pálida. Havia uma tal expressão de derrota e desespero nos seus olhos que, mais uma vez, ele deu por si a lutar contra as lágrimas.

De repente, ela curvou-se sobre si mesma, como se tivesse recebido um golpe. Ela pôs os braços em volta da barriga e ele percebeu que tinha sido pontapeada. Ou melhor: *Tori* tinha sido pontapeada. Saber que duas mulheres estavam a ser maltratadas, e uma delas por *sua* causa, horrorizava-o.

Então, ela rebolou para longe, encostando o rosto contra o chão frio, com os olhos fixos e vagos, ficando totalmente imóvel. O terror apoderou-se dele. Estaria *Tori* morta? *Oh, meu Deus!* Será que ele acabara de testemunhar o *assassínio* da irmã?

— Ramie! Acorde! Meu Deus, *por favor*, acorde. Diga-me como a encontrar. Diga-me que ela ainda está viva!

Ele pegou no leve peso de Ramie, praguejando por ela ser tão delgada e frágil. Levou-a até ao sofá gasto e deitou-a cuidadosamente, não querendo magoá-la ainda mais.

Sentou-se na beira do sofá, envolvendo as mãos geladas dela com as suas, friccionando-as para lhe transmitir calor. Não sabia o que fazer. Deveria levá-la a um hospital?

Então, depois de longos minutos, ela pestanejou e pareceu sair do transe. As suas feições foram imediatamente inundadas de dor e ela começou a chorar em silêncio, novamente, destroçando-o a cada lágrima.

— Ela está viva? — perguntou ele ansiosamente. — Consegue dizer-me como encontrá-la?

— Sim — disse Ramie maquinalmente.

A esperança invadiu-lhe o coração e ele deu por si quase a esmagar-lhe as mãos.

— Diga-me onde — insistiu.

Lenta e dolorosamente, ela sussurrou a localização até ao mais ínfimo pormenor. Mais uma vez, ele sentiu calafrios a percorrerem-lhe a espinha com a precisão com que ela descreveu não apenas o local mas também o sequestrador. Indicou até a matrícula de um automóvel.

Ele pegou no telefone e ligou imediatamente para o irmão, transmitindo as informações que Ramie tinha fornecido. Quando

terminou, olhou para Ramie, grato e, ao mesmo tempo, profundamente arrependido por aquilo a que a tinha sujeitado.

— O que tenho de fazer para a ajudar? — perguntou ele suavemente.

A resignação entorpeceu ainda mais os olhos dela.

— Não há nada que possa fazer — disse numa voz sem emoção. — Vá-se embora.

— Não a deixo aqui assim, nem pensar!

Ele estava já a pensar que a podia levar simplesmente consigo. Podia proporcionar-lhe os cuidados de que ela tão obviamente necessitava, ao mesmo tempo que Tori recebia aquilo de que precisava.

— A sua irmã precisa de si. Vá-se embora. Eu fico bem.

A mentira era bastante óbvia, mas parecia ser tudo o que ela conseguia dizer. Ele estava dividido entre correr para junto de Tori e permanecer com Ramie e certificar-se de que ficava bem. Mas como poderia ela ficar bem? Havia duas mulheres que iam viver com aquilo pelo resto das suas vidas. A sua irmã adorada e a mulher que ele tinha forçado a ajudá-lo, sem saber o que isso lhe custaria.

— Por favor — implorou ela com a voz embargada. — Vá-se embora e deixe-me em paz. Eu dei-lhe o que queria. Ajudei-o, por isso vá. É o *mínimo* que pode fazer.

Caleb levantou-se, passando agitado uma mão pelo cabelo e deixando-a escorregar até ao pescoço.

— Eu vou, mas voltarei, Ramie. Vou compensá-la por isto.

— Nunca poderá apagar isto — sussurrou ela. — Não há forma de compensar o que foi feito. Vá e cuide da sua irmã. Ela precisa de si.

Ela fechou os olhos e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. Como é que ele podia, simplesmente, deixá-la? No entanto, como podia ele não ir para garantir que a sua irmã era resgatada em segurança? Nunca se sentira tão dividido na vida.

— Se tem alguma réstia de humanidade, vá-se embora e não diga a ninguém onde me encontrou — disse Ramie com uma

voz rouca. — Por favor, imploro-lhe. Vá-se *embora*. Ele planeia matá-la amanhã. Ao amanhecer. Você não tem muito tempo.

As palavras dela foram o impulso que o fez agir. Mas, caramba, ele ia compensá-la. Não sabia como, mas ia fazê-lo.

Foi inundado por remorsos. Pior ainda era o facto de, sabendo agora o que não sabia antes, não ser capaz de dizer se teria feito as coisas de modo diferente. Não quando isso significava a diferença entre a vida e a morte de Tori. Mas, pelo menos, agora compreendia melhor a resistência de Ramie. Já não a via como uma pessoa egoísta e cruel. Agora, percebia que o seu desaparecimento era uma forma de ela se proteger. Não sabia como ela sobrevivera àquilo, no passado. Rezava apenas para não ser o ponto de viragem que acabasse por empurrá-la para lá do limite, para um ponto sem retorno.

Caleb fechou os olhos e tocou-lhe gentilmente no rosto.

— Lamento muito. Nunca poderá saber quanto. Eu e a minha família devemos-lhe mais do que alguma vez lhe poderemos pagar. Vou-me embora agora e peço a Deus para não chegar demasiado tarde. Mas eu volto, Ramie. Pode contar com isso. Vou compensá-la por isto, ainda que seja a última coisa que faça.

# Dois

Ramie arrastou-se em direção à extremidade do sofá, sem forças para se conseguir pôr de pé. Caleb tinha partido há apenas alguns minutos. Não que ele se tivesse apresentado, mas o seu nome era uma presença forte na mente de Tori Devereaux, a âncora que a prendia à realidade enquanto o seu raptor a empurrava cada vez mais para o abismo da loucura.

Ela podia sentir pena e até compreender as ações de Caleb. Podia até perdoar o que ele tinha feito — mas nunca seria capaz de esquecer. Isso era o pior. As imagens, as memórias permanentemente gravadas na sua mente.

As lágrimas escorriam, ardentes, pelo seu rosto. Sentia-se oca, vazia. Nem sequer uma pessoa. Tinha sido despojada de toda a humanidade, vezes sem conta.

Obrigou-se a ficar direita, forçando-se a avançar através do horror e da dor que a inundavam. A ligação com Tori Devereaux não terminara quando a écharpe fora afastada. Ramie estava ainda bastante consciente do que ela estava a suportar. A ligação podia durar uma hora ou um dia. Ramie apenas podia rezar para que terminasse em breve.

Tinha de fugir. Tinha de ir para tão longe quanto possível e, desta vez, garantir que ninguém a conseguia encontrar. Para que *ele* não a conseguisse encontrar. Porque, se Caleb Devereaux a tinha descoberto, isso significava que o homem que a perseguia

também poderia fazê-lo. Nunca mais poderia voltar a passar pelo que acabara de viver. Não tinha a certeza de alguma vez conseguir recuperar. Demasiadas coisas, demasiado cedo, demasiado rápido. Ainda não se tinha recomposto da última vez que tinha localizado uma vítima e, agora, fora forçada a fazer tudo de novo.

Entorpecida, arrastou-se como uma velha até ao minúsculo quarto da cabana. Nem sequer conseguia sentir ódio pelo que Caleb tinha feito. Compreendia o desespero. Tinha-o encontrado vezes sem conta. Quem poderia dizer que não faria a mesma coisa se tivesse um ente querido cuja vida estivesse em risco?

Mas não, não havia entes queridos para ela. Era provável que tivesse tido um pai e uma mãe a determinada altura. Algures. Mas tinha sido abandonada ainda em bebé e tornara-se parte do sistema. Saltando de família em família, sem verdadeiras raízes.

A descoberta dos seus poderes só tinha afastado os seus vários pais de acolhimento. Olhavam para ela com medo, como se não fosse um ser humano com sentimentos. E o último lar de acolhimento onde fora colocada traduzira-se em horror e violência.

Ramie tinha passado a vida sozinha, desde então. Nunca fora capaz de confiar suficientemente em alguém para se envolver. Estar isolada não a incomodava. Em vez disso, era algo que aco-  
lhia de braços abertos.

Só que... de vez em quando, lamentava o que nunca tivera, o que nunca teria. Uma vida normal. Amigos e família. Todas as coisas que a maioria das pessoas tomava como certas. Ramie nunca cometeria esse erro. Se alguma vez fosse suficientemente abençoada para ter família ou amigos, iria valorizar cada dia e nunca tomaria a vida como certa. Por terem sido tantas as vezes em que testemunhou a morte e horrores inimagináveis, era-lhe impossível fazê-lo.

Para onde ir agora? Em que lugar poderia ter a certeza de que ninguém iria encontrá-la? Só queria desaparecer. Para sempre. E, desta vez, esperava conseguir fazer um trabalho melhor a cobrir o rasto. A esconder-se. A garantir que ninguém a conseguiria

encontrar. Porque, se o homem que estava totalmente concentrado em destruí-la alguma vez a encontrasse, ela morreria. E a sua morte não seria rápida e misericordiosa. Teria uma morte agoniante, passando os seus últimos momentos a rezar para que cada suspiro fosse o último.

# Três

Assim que o avião aterrou, Caleb recebeu a notícia de que Tori tinha sido, de facto, encontrada no local que Ramie indicara. O seu irmão Beau relatou-lhe sombriamente o estado dela e, embora Caleb já tivesse sabido através de Ramie exatamente o que acontecera, ter a confirmação de que a sua irmãzinha tinha passado por um sofrimento tão horrível nas mãos do raptor foi como levar um murro no estômago.

Acima de tudo, o que o irritava era o facto de o raptor de Tori não ter sido preso. Estava sozinha, numa casa completamente vulgar, num sossegado bairro familiar mesmo à saída de Houston, quando a polícia a encontrou acorrentada na casa de banho.

Tinha sido tratada como um animal, mal mantida viva com o mínimo de comida e água. Segundo Beau, tinha perdido muito peso e estava gravemente desidratada. Pior fora o facto de Beau se ter ido completamente abaixo ao telefone, enquanto tentava relatar a situação de Tori. Beau era forte. Dos quatro irmãos Devereaux, era o mais difícil de vergar. Nunca mostrava as emoções e o seu rosto parecia ter sido esculpido em pedra. E tinha chorado enquanto falava com Caleb. Uma prova de quão terrível era a situação de Tori.

Quinn, o irmão mais novo de Caleb, ficara junto de Tori o tempo todo, seguindo com ela para o hospital, onde Beau aguardava agora a chegada de Caleb.

Quando entrou no quarto de hospital de Tori, Caleb foi rapidamente intercetado por Beau. Este fez-lhe um gesto para que fosse até lá fora, mas Caleb abanou a cabeça. Não iria a lado nenhum até ver a irmã. Tinha de ver Tori com os seus próprios olhos, independentemente de quão mal ela estivesse. Precisava dessa garantia, de saber que ela estava viva e a salvo.

Quinn ergueu os olhos angustiados do seu posto junto à cama de Tori. Caleb aproximou-se em silêncio, não querendo perturbar o sono da irmã.

— Deram-lhe qualquer coisa para ela descansar um pouco — disse Quinn em voz baixa. — Estava histérica. Quem é que a pode culpar? Céus, Caleb. Aquilo por que ela passou...

As últimas palavras de Quinn saíram sufocadas e depois ele ficou em silêncio, voltando a fitar a irmã com um brilho lustroso nos olhos.

Caleb observou o aspeto esgotado de Tori, as olheiras escuras, a palidez, a magreza. Reteve a respiração quando viu a marca de uma mão no rosto dela, igual à que tinha aparecido no rosto de Ramie quando lhe pusera a écharpe de Tori nas mãos. A culpa voltou a assolá-lo. Tori estava ali. Ferida, destroçada, mas *ali*, com a família e uma rede de apoio. Ramie estava sozinha, numa cabana de montanha. Havia sofrido o mesmo tratamento que Tori, mas não tinha ninguém para a ajudar a recuperar. Isso só fortaleceu a determinação de Caleb em voltar, assim que Tori estivesse a ser tratada. Não podia apagar o que tinha feito, mas podia tentar repará-lo. Pelo menos, certificar-se-ia de que ela tinha aquilo de que precisava e de que não estava só.

— Como é que o fizeste? — perguntou Beau em voz baixa. — Como é que conseguiste localizá-la tão depressa, quando não conseguimos descobrir nada antes?

— Ramie St. Claire — disse Caleb.

A surpresa de Quinn era óbvia, já que soubera, através de Caleb, que Ramie tinha desaparecido e que, presumivelmente, se recusava a voltar a ajudar alguém.

— Conseguiu convencê-la a ajudar-nos?

— Não lhe dei escolha — respondeu Caleb em voz baixa. — O que lhe fiz... Meu Deus, eu não fazia ideia. Persegui-a e, quando ela se recusou a ajudar-me, enfiei a écharpe da Tori nas mãos dela e mandei-a diretamente para as profundezas do inferno.

A expressão de Beau tornou-se selvagem e os seus olhos queimaram de fúria.

— E por que razão é que te diria que não? Mas qual é o problema dela para se recusar a ajudar a salvar a vida de alguém?

— Por causa do que isso lhe faz — murmurou Caleb. — Eu não sabia. Não fazia ideia. Como poderia saber? E o pior é que não posso honestamente dizer que não voltaria a fazer a mesma coisa. Pelo menos, agora compreendo por que razão ela recusou.

Quinn inclinou a cabeça e o seu olhar espelhava confusão.

— Não compreendo. O que isso lhe faz? Pensei que ela era simplesmente capaz de encontrar as vítimas, de localizá-las ao tocar num objeto que lhes pertencesse ou que estivesse ligado à cena do crime.

— Ela encontra-as porque se transforma nelas — disse Caleb. — Eu pu-la lá. Como se ela fosse a vítima. Tudo aquilo por que a Tori passou? A Ramie também o viveu. Eu vi a marca de uma mão, igual à que está no rosto da Tori, aparecer na face da Ramie. E a Ramie foi violada, tal como a Tori.

Quinn empalideceu, com espanto e incredulidade a refletidos nos seus olhos. Beau estremeceu visivelmente e a raiva que sentira momentos antes desapareceu ao olhar fixamente para Caleb. Depois, fechou os olhos. A sua fadiga era evidente quando falou.

— Filho da puta — murmurou Beau. — Não foi coisa pouca.

— Nem me digas nada. Sinto-me um completo canalha por tê-la sujeitado àquilo, e um sacana ainda pior por saber que o faria de novo se isso significasse ter a Tori segura e longe das mãos de um assassino.

— E o que vais fazer? Quero dizer, como é que a Ramie está agora? — perguntou Quinn.

Caleb foi atormentado por ainda mais culpa. Estava tão desesperado por chegar ao pé de Tori, por comunicar a sua localização, que fizera, simplesmente, o que Ramie lhe pedira. Deixara-a sozinha.

— Não sei como ela está — admitiu Caleb. — Vim-me embora. Ela implorou-me que o fizesse. E eu estava completamente concentrado na Tori. Mas, assim que levamos a Tori para casa e ela estiver a recuperar-se, vou voltar lá e compensar a Ramie.

— Temos uma dívida enorme para com ela — disse Beau, desviando o olhar para a irmã adormecida.

— Sim, e que faço questão de pagar — prometeu Caleb. — O que é que o médico vos disse? — perguntou, desviando o assunto do tema desconfortável de Ramie St. Claire. — Quanto tempo é que a Tori tem de ficar no hospital?

— Alguns dias, pelo menos — respondeu Quinn. — Tem várias costelas partidas e inúmeras contusões. — Estremeceu ao continuar: — Eles têm de se certificar de que não há danos internos permanentes. Além disso, querem hidratá-la e garantir que está pronta para ter alta.

Os três homens ficaram em completo silêncio quando um gemido suave escapou dos lábios de Tori. Ela franziu a testa e uma expressão de dor desfigurou-lhe o rosto. Contorceu-se, inquieta, e lágrimas deslizaram pelas suas faces.

Caleb chegou ao pé dela num instante.

— Tori, querida, sou eu, o Caleb. Estás em segurança agora. O Beau e o Quinn também estão aqui.

Lentamente, as pálpebras dela abriram-se e os seus olhos inundaram-se de angústia e desespero, transformando-se em lagos azuis. O pior era a vergonha que lhe enchia os olhos. O facto de ela sentir vergonha de algo que não controlava deixava Caleb destroçado.

— Caleb... — gemeu ela roucamente.

Ele pôs a mão sobre a testa dela e afastou-lhe o cabelo para trás, num movimento tranquilizador.

— Sim, querida, sou eu.

Ela humedeceu os lábios e engoliu em seco. A medicação deixava-a mais lenta e entorpecida.

— Como é que me encontraste? — sussurrou ela. — Pensei que ninguém me iria encontrar. Que ia *morrer* ali. Ele *disse-me* que eu ia morrer. Que me ia matar. Meu Deus, se não tivesses chegado naquela altura... Ele ia matar-me e eu rezei para que ele o fizesse.

As palavras dela terminaram num soluço e Quinn enterrou o rosto nas mãos, enquanto Caleb abraçava Tori suavemente contra si. Beau estava aos pés da cama com uma expressão assassina e os olhos cheios de raiva.

— Fui ter com alguém como tu — disse Caleb suavemente, deixando convenientemente de fora a parte da relutância de Ramie em ajudá-lo. Nunca contaria a Tori que forçara a assistência de Ramie.

Tori franziu a testa e olhou para ele com uma expressão confusa.

— Alguém como eu?

— Bem, não exatamente — disse Caleb, forçando um sorriso só para ela. — Afinal de contas, tu és única. Mas fui ver a Ramie St. Claire. Ela já se tinha mostrado útil a encontrar pessoas desaparecidas. Dei-lhe a tua écharpe e ela conseguiu localizar-te.

Tori parecia atordoada. Abriu a boca de espanto e a testa enrugou-se-lhe de confusão. Depois, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Se ao menos ela me pudesse ter ajudado mais cedo... — sussurrou Tori.

Caleb engoliu em seco e evitou os olhares dos irmãos. Independentemente do que lhes tinha acabado de contar sobre o que

Ramie sofria e a razão pela qual se recusara, eles condenavam-na por não estar disponível mais cedo.

— Devo-lhe tanto — soluçou Tori. — Nunca serei capaz de lhe pagar. Posso ao menos agradecer-lhe? Quando tudo isto estiver acabado e for para casa?

Caleb engoliu o nó na garganta e enxugou-lhe uma lágrima que lhe caía pela face com o polegar.

— Podemos tentar.

— Tenho medo — disse Tori com a voz embargada.

Agarrou com força o lençol fino que a cobria, mas Caleb conseguiu ver o quanto as suas mãos tremiam.

Caleb soltou-lhe suavemente o lençol dos dedos e depois cobriu as mãos dela com as suas.

— Do que tens medo, querida?

Ela apertou-lhe mais a mão, cravando-lhe as unhas na pele com força.

— De que ele volte para me buscar.

As suas palavras sombrias encheram o pequeno quarto e os irmãos olharam para Caleb com fúria e *medo* evidentes nos seus olhos. O raptor não tinha sido preso. Estava, naquele momento, lá fora, livre, possivelmente a caçar a sua próxima vítima. Ou será que viria atrás de Tori, por ela ter escapado?

— Ouve — disse Caleb em voz baixa. — Sei que estás com medo. Deus sabe que tens o direito de estar. Mas eu, o Beau e o Quinn vamos proteger-te. Vais estar constantemente vigiada até esse canalha ser encontrado, preso e pagar pelo que te fez. Juro pela minha vida.

— Vocês não podem suspender as vossas vidas e o vosso trabalho por mim — disse Tori.

— Uma porra é que não podemos — cortou Beau. — Tu és a nossa prioridade, Tori. Nada mais interessa.

— Não vamos deixar aquele sacana aproximar-se de ti — disse Quinn com firmeza. — E vamos usar todos os recursos disponíveis para o encontrarmos e prendermos para sempre.

Tori não parecia convencida, mas acenou que sim com a cabeça e fechou os olhos, sentindo os medicamentos a envolvê-la.

Caleb beijou-lhe a testa.

— Descansa, querida. Vamos estar aqui quando acordares. Tens de te concentrar em ficar melhor para te podermos levar para casa.

# Quatro

Caleb estava parado à porta da cabana onde vira Ramie, com uma expressão sombria no rosto, pela última vez. A cabana estava completamente vazia, abandonada, dando a impressão de que nunca vivera ali alguém. Ela não tinha deixado qualquer marca no local. Nada que assinalasse a sua presença. Caleb passou a mão pelo cabelo e fechou os olhos, invadido por frustração. Cumpria a promessa que fizera a Ramie — e a si mesmo — de voltar a procurá-la. Mas ela desaparecera.

Não a podia culpar. Não a recriminava por fugir para longe, o mais rapidamente que conseguisse. Se ele a tinha encontrado, quem poderia afirmar com certeza que outros não o fariam? E, enquanto antes a tinha considerado egoísta, compreendia agora perfeitamente por que razão ela já não estava disposta a passar pela agonia de encontrar pessoas desaparecidas. A questão que o assolava era saber se devia desistir e ir-se embora, deixando-a em paz como ela desejava, ou se a devia perseguir novamente, encontrá-la e reparar o que tinha feito.

Não era o tipo de homem que desiste. Toda a sua vida espelhava uma busca incansável por objetivos. Nascido numa família extremamente rica, com uma herança oriunda do petróleo e cuja fortuna tinha crescido durante gerações, Caleb tinha assumido as rédeas familiares ainda muito jovem. Os pais tinham ostentado abertamente a sua riqueza, envolvendo-se na sociedade

e vivendo uma vida grandiosa, e ele estava convencido de que o pai, pelo menos, estivera ligado a atividades duvidosas. As suas mortes tinham sido suspeitas, rodeadas pela questão de se saber se teriam sido acidentais ou assassínios. Era uma pergunta que até então não fora respondida. Mas, a partir do momento em que tinha ficado à frente da família e da herança, Caleb começara sistematicamente a afastá-los da atenção geral, reduzindo a sua exposição e mantendo um sigilo ávido. Mantivera sempre um nível extremamente elevado de segurança, mas era óbvio que isso não tinha sido suficiente. Agora concentrar-se-ia na segurança e no seu reforço de modo que o que tinha acontecido a Tori nunca mais voltasse a acontecer. Nem a Ramie, se o pudesse evitar.

O olhar de Caleb varreu o interior da cabana, à procura de qualquer indício, qualquer sinal que lhe indicasse a direção certa. Já sabia a resposta à pergunta que fizera a si próprio. Iria atrás de Ramie e, depois, ela decidiria. Tudo o que ela quisesse, tudo aquilo de que precisasse estaria à sua disposição. Se Caleb levasse a sua avante, ela nunca mais teria de mover uma palha para o resto da vida. Nada seria demasiado ou grande demais, considerando que ela tinha salvado Tori com um grande sacrifício pessoal.

Caramba, era provável que ela lhe desse um pontapé nas virilhas se alguma vez o voltasse a ver. Ele merecia-o, sem dúvida, ainda que não pudesse dizer que não a teria forçado a ajudá-lo na mesma se tivesse sabido o que aquilo lhe fazia. E isso corroía-o. Saber que o faria novamente se o resultado fosse o mesmo. Tori viva. Salva.

Olhou para o telemóvel em busca de sinal e fez uma careta quando leu «sem rede». Voltou para o carro e refez lentamente o caminho para descer a montanha. Assim que teve rede suficiente, marcou o número de Beau e esperou que o irmão atendesse.

— Encontrei-a? — disse Beau como saudação.

— Não — respondeu Caleb calmamente. — Como está a Tori? Ela aceitou bem o facto de me ter ido embora tão cedo?

— Ela está bem. Eu e o Quinn temos estado sempre com ela. Não dorme nada e só parou de se recusar a tomar os medicamentos quando o Quinn insistiu com ela. Não pode continuar assim. Está a viver do ar e vai sofrer um colapso emocional se não descansar melhor e recuperar.

Caleb fechou os olhos. Ele devia estar lá, caramba. Mas Tori tinha Beau e Quinn. Quem é que Ramie tinha? Toda a investigação sobre o seu passado, quando revolvera o mundo à procura dela, tinha-lhe dito que ela não tinha família. nenhuns amigos próximos, nem sequer conhecidos. Ela não tinha... nada.

— Quero avançar para aquilo de que falámos — disse Caleb. — Estou a caminho de casa. Vamos construir a empresa de segurança a partir do zero. Se depender de mim, a Tori nunca mais vai voltar a ser uma vítima. E, se pudermos ajudar terceiros ao mesmo tempo, melhor.

— Vou começar a trabalhar nisso — disse Beau. — Quero contratar apenas os melhores.

— De acordo.

— Então, vais desistir da Ramie? — perguntou Beau.

Caleb hesitou antes de dizer finalmente a verdade.

— Não. Ela queria ser deixada em paz, em sossego, e talvez eu devesse fazer isso. Mas não posso esquecer o assunto. Tu não a viste, Beau. Eu sim. E ela não tem ninguém. Tenho de a encontrar e garantir que está bem. Não vou descansar até o conseguir.

— Compreendo. Devemos-lhe todos muito. Farei qualquer coisa que possa para ajudar a encontrá-la.

— Para já, começamos com a nova empresa — disse Caleb. — E depois vemos o que fazer a partir daí.

# Cinco

## Um Ano Depois

**N**unca baixes a guarda.

Esse fora sempre o seu mantra, mas agora era mais pertinente do que nunca. O medo era a sua companhia constante. Ele tinha-a encontrado. De alguma forma, ele tinha-a encontrado e estava decidido a que ela fosse a sua próxima vítima.

Obsessão.

Ele estava obcecado com Ramie. A única pessoa que tinha estado próxima de apanhá-lo. Mas não tinha sido suficiente. O assassino escapara por pouco, mas Ramie tinha levado as autoridades até ao local onde ele mantinha a sua vítima atual.

Ele torturara a jovem durante dias. Intermináveis dias de dor e tristeza. Tinha zombado dela, prometendo-lhe a morte e, depois, atrasando-a.

Antes de Ramie desaparecer, ele tinha-lhe *telefonado*. Era por isso que tinha fugido. Ele sabia quem ela era, o que ela era: a responsável por ele ter perdido a sua presa. Em troca, ela tinha-se agora tornado a presa.

E ele estava perto.

Como conseguia ele seguir cada movimento seu?

Estava a brincar com ela. A lixar-lhe a vida só porque sim. As coisas tinham-se tornado tão más que Ramie não se atrevia

a dormir à noite, com medo de que ele estivesse à espera. Ela estava constantemente em movimento, nunca ficando no mesmo sítio mais de uma noite.

Mas conseguia sentir que ele estava mais perto do que nunca.

Quando é que ele se cansaria do seu jogo do gato e do rato e faria a sua jogada? E o que faria ela quando ele avançasse?

Ramie chegou ao hotel de beira de estrada e estacionou o seu pequeno carro junto ao número 6, o quarto que tinha arrendado antes de sair para ir comer alguma coisa. E para analisar a vizinhança, para ter uma noção do que pertencia ou não ali.

Forçou a mente a ficar em silêncio, a expelir o pânico, de modo que a sua atenção pudesse ser mais aguçada. Com um assassino a seguir todos os seus movimentos, tinha de manter a calma e contar com os seus sentidos apurados para se manter um passo à frente do perseguidor.

Fez deslizar a mão lentamente sobre a maçaneta da porta do quarto de hotel, mas teve o cuidado de não emitir qualquer som, nem de introduzir a chave na fechadura para não alertar ninguém da sua presença. Puxou a mão para trás, como se tivesse sido queimada. A avalanche repentina de malevolência, de ódio e o riso zombeteiro do seu atormentador fizeram-na vacilar. Os seus joelhos cederam e ela virou-se, desesperada, preparada para fugir, quando a porta se abriu e algo escuro e ameaçador lhe agarrou o pulso, puxando-a para trás no instante em que ela tentava correr.

Ela debateu-se violentamente, lutando, sabendo que, se ele conseguisse levá-la para o quarto, morreria — se tivesse essa sorte, porque sabia que a sua morte não seria fácil ou rápida. Ela olhara para dentro da mente dele. Sabia como pensava. Conhecia todas as fantasias doentias e retorcidas que ele tinha vivido através das suas vítimas, e a dela seria a pior de todas. Abriu a boca para gritar, mas ele pôs a mão livre sobre os lábios dela, magoando-a.

Ela cravou os dentes na carne amarga e suja, e foi recompensada com uma retirada imediata e um grito de dor.

— Sua cabra — rosnou ele numa voz demoníaca e carregada de raiva, que lhe provocou calafrios na espinha. — Vais pagar por isso.

Ela virou-se, enfrentando o mal pela primeira vez fora da sua mente, e enfiou-lhe o joelho na virilha. Ele deu-lhe uma bofetada, defendendo-se, e o rosto dela explodiu de dor. Mas ele afrouxou o seu aperto o suficiente, permitindo-lhe libertar o pulso. Ela aproveitou essa trégua momentânea, com a consciência de que poderia não ter outra.

Nem tentou dirigir-se ao carro. Não conseguiria entrar nele e conduzi-lo dali para fora antes de ele a apanhar novamente.

Então, correu.

Deixando tudo o que tinha para trás, correu em direção à avenida principal, com o corpo a doer em protesto pelo esforço excessivo.

Podia ouvi-lo atrás de si, quase podia *sentir* o hálito dele no seu pescoço. Pior do que isso era o peso opressivo da sua presença na consciência, vomitando promessas vis de vingança. Ela vira a sua longa e dolorosa morte na mente dele e sabia que era verdade. Ele seria implacável até alcançar a glória final. Acabar com a existência dela.

Isso deu-lhe o impulso necessário para correr mais depressa.

O sangue, quente, escorria-lhe pelo queixo e secava rapidamente ao vento, enquanto ela aumentava a distância entre si e o perseguidor.

Para onde é que podia ir? Que podia fazer? Não tinha nada, a carteira e o seu pouco dinheiro tinham ficado para trás.

Um soluço escapou-lhe dos lábios enquanto se esforçava por correr ainda mais. Estava no limite. As suas reservas tinham diminuído para zero — não tinha nada. Ela soubera que teria de parar naquela cidade. Assumir o risco terrível de ser finalmente apanhada por ter tido de ficar em algum lugar o tempo suficiente para conseguir um emprego e recompor as suas finanças. Para poder fugir novamente. Mas, ao fazê-lo, arriscara exatamente o que tinha acontecido. Fora descoberta.

Arriscando um olhar por cima do ombro, viu que o seu agressor tinha desistido. Não, não era verdade. Ele nunca iria simplesmente *desistir*. Tudo o que faria seria recuar, dar-lhe uma falsa sensação de segurança e, depois, atacar de novo, quando ela menos esperasse. Tinha um talento fantástico para a seguir, o que a fazia perguntar-se se ele teria poderes psíquicos. De que outro modo era capaz de antecipar os seus passos? Será que tinha vivido como uma sombra na sua mente desde aquele dia horrível em que ela se tinha ligado a ele através da última vítima? Será que ela tinha, de alguma forma, forjado uma ligação com a própria imagem do mal? Só Deus sabia que não tinha sido capaz de o expulsar dos seus sonhos, de cada instante do seu dia. A sua única pausa — embora curta — tinha sido quando Caleb Devereaux enfiara a écharpe da irmã nas suas mãos, há tantos meses, altura em que, por breves momentos, ela vivenciara algo de diferente do homem que a perseguia. Tinha trocado um inferno por outro.

Aquele dia terrível numa montanha do Colorado tinha finalmente feito o que mais ninguém conseguira fazer: tinha-a quebrado. Embora todas as vezes em que usara os seus poderes para encontrar monstros tivessem ajudado a quebrá-la lentamente, aquele fora o ponto de não retorno. Talvez nunca se recuperasse. Algumas feridas eram demasiado profundas. Fora demasiada intensidade, demasiado cedo, depois do seu breve encontro anterior com o sangue e a morte. Ela sentira algo desligar-se dentro de si ao ser atirada para dentro da mente de Tori Devereaux, passando por todos os horrores que a jovem vivera.

Talvez tivesse sido a última gota. Fosse qual fosse o caso, depois de Caleb Devereaux a ter deixado para encontrar e ajudar a irmã mais nova, Ramie nunca mais fora a mesma. Talvez nunca mais fosse.

Seria a morte assim tão má? Parecia-lhe que tinha morrido de todas as vezes em que entrara na mente de uma vítima indefesa. A maioria das pessoas enfrentava a morte apenas uma vez. Ela enfrentara-a repetidamente. Talvez na morte encontrasse,

finalmente, a paz. Só que se recusava a permitir que o homem que a caçava vencesse. Ele seria imparável. Promovido a Deus na sua mente doentia e retorcida. Enquanto ele estivesse concentrado nela, pelo menos as outras mulheres estariam a salvo dos seus prazeres sádicos. Isso era motivo suficiente para continuar a lutar.

Era motivo suficiente para sobreviver.

Parou, pois as pernas recusavam-se a dar mais um passo. À sua frente surgiu um posto de gasolina e ela dobrou-se, arfando para recuperar o fôlego. As lágrimas queimavam-lhe os olhos ao ser envolvida por uma sensação de fatalismo. Não importava que se recusasse a deixar que o sacana vencesse.

Não havia lugar para onde ir. Nenhum sítio para onde se virar. Nenhum porto seguro.

O rosto de Caleb Devereaux surgiu na sua mente e as suas palavras de despedida vieram assombrá-la. O arrependimento genuíno nos olhos dele quando percebera as consequências do que a forçara a suportar.

*Vou voltar, Ramie. Pode contar com isso. Vou compensá-la por isto, ainda que seja a última coisa que faça.*

Há um ano, ele tinha destruído o seu mundo, mantendo-a num ciclo interminável de fuga. Agora, talvez fosse a sua única salvação. Ele devia-lhe isso. Ela salvara a irmã dele. Era altura de cobrar esse dia.

Não tinha querido ir para um local próximo dele. Não *queria* lembrar-se do que sofrera por causa do que ele a tinha forçado a passar. Mas não tinha nenhuma outra opção disponível. Ele era a sua última e *única* esperança. Mais ninguém a iria compreender. Quem iria acreditar nela? Caleb tinha testemunhado em primeira mão o preço que ela tinha pago pela vida da irmã dele. Era impossível que negasse os seus poderes.

Ela não o odiava pelo que tinha feito. Talvez devesse. Mas, no seu lugar, será que podia dizer que teria agido de modo diferente quando o resultado era salvar uma vida? Não, não o odiava.

Não sentia absolutamente nada, exceto um cansaço esmagador e a sensação de que tinha perdido uma parte essencial de si mesma para os monstros que ajudara a prender. Eles eram uma parte permanente de si, gravados na sua alma. Uma mancha que nunca poderia ser eliminada.

Não, não conseguia sentir ódio ou amargura em relação a Caleb Devereaux, mesmo sabendo que, se ele se recusasse a ajudá-la, ela estaria absolutamente condenada. Mas não o podia culpar se ele se recusasse. Ela representava tudo o que ele e a irmã queriam esquecer. Se a ajudasse, estaria a reabrir uma porta que tinha sido fechada há um ano.

Fechou os olhos e respirou profundamente várias vezes para se acalmar. Ele *tinha* de a ajudar. Não consideraria outra possibilidade. Só tinha de entrar em contacto com ele.

Em primeiro lugar, precisava de um lugar seguro para fazer um telefonema. Nem sequer sabia como contactá-lo. Tinha investigado o suficiente sobre ele para saber que era extremamente rico, com um nome de família antigo e reverenciado nos círculos mais influentes. Mas isso prejudicava-a, em vez de a ajudar, porque significava que teria mais dificuldades em chegar até ele. Teria sorte se conseguisse sequer ligar-lhe. Pessoas como ele não atendiam simplesmente o telefone. Havia níveis a ultrapassar. E, depois do que acontecera com a irmã, ele seria mais cauteloso do que nunca.

Falar com ele seria, provavelmente, como tentar telefonar ao presidente. Tudo o que podia fazer era tentar e esperar pelo melhor. Tinha de encontrar um sítio para fazer um telefonema. E, antes de poder fazer a chamada, precisava de acesso à Internet. A cabeça latejava-lhe. Passou a mão pelo rosto manchado de sangue.

*Pensa, Ramie, pensa! Usa a tua cabeça para algo diferente de tocar no mal.*

A biblioteca. Claro.

Aliviada por ter o esboço de um plano de ação, entrou no posto de gasolina e pediu indicações para encontrar a biblioteca local.

Quando o empregado lhe disse que ficava a três quilómetros de distância, o coração caiu-lhe aos pés. Era uma longa caminhada e teria de se esforçar para chegar lá antes de fechar. Não podia chamar um táxi porque não tinha nem um cêntimo consigo. E andar pela rua seria um risco enorme porque *ele* continuava lá. À espera. A observar. Não muito longe. E ela podia não ter uma segunda oportunidade para lhe escapar. Desta vez, ele estaria preparado para que ela resistisse.

Sabendo que estava apenas a adiar o inevitável, pediu indicações novamente e começou a andar em passo rápido, ao mesmo tempo que olhava cuidadosamente em volta, em busca de um qualquer sinal do atacante.

Faltavam minutos para que a biblioteca fechasse quando entrou e recebeu com agrado a onda de ar frio na cara. Vacilou desconfortavelmente sob o escrutínio da bibliotecária, mas depois lembrou-se de que tinha sangue seco no rosto e que possivelmente ostentava também uma enorme nódoa negra. Parecia provavelmente uma vítima de violência doméstica, o que explicaria a pena nos olhos daquela mulher mais velha. Talvez isso jogasse a seu favor e a bibliotecária a deixasse usar o telefone para fazer a chamada.

Ramie acedeu rapidamente à Internet num dos computadores públicos e fez uma busca por «Caleb Devereaux». Ele era, atualmente, dono de uma empresa de segurança, criada no ano a seguir ao rapto da irmã. Ela não sabia se seria possível contactá-lo através da empresa, mas tudo o que podia fazer era tentar. No mínimo, talvez conseguisse deixar-lhe uma mensagem. Mas como é que ele a contactaria? Ela não tinha nenhum número de telefone, nenhum alojamento, nenhuma forma de ele lhe devolver a chamada.

Fechou os olhos sentindo o desespero tomar conta de si. Era tudo ou nada. Uma tentativa. Se não o conseguisse contactar, não sabia o que fazer depois. Se não o conseguisse contactar, a sua morte era inevitável.

Decorando rapidamente o número de telefone, encheu-se de coragem e avançou hesitantemente em direção ao balcão onde se encontrava a bibliotecária.

— Minha senhora — disse Ramie delicadamente —, será que me poderia deixar fazer um telefonema? Não tenho nada. A minha mala foi roubada com tudo o que continha.

— Oh, pobre querida! Foi isso o que lhe aconteceu à cara? Foi assaltada?

Ramie acenou com a cabeça, não sentindo qualquer remorso pela mentira. A bibliotecária pegou no seu telemóvel pessoal e estendeu-lho por cima do balcão.

— Porque não vai para aquele canto? Lá, pode sentar-se e fazer a sua chamada — disse a bibliotecária gentilmente. — Nós fechamos daqui a alguns minutos, mas eu vou manter isto aberto até terminar.

— Muito obrigada — disse Ramie fervorosamente. — É muito gentil. Agradeço-lhe muito.

A mulher sorriu e fez um gesto para Ramie se afastar.

Ramie marcou o número enquanto caminhava em direção à cadeira no canto. Todo o seu corpo doía e estava tão cansada, por todas as noites sem dormir, que mal se conseguia manter direita. Uma voz masculina sombria atendeu ao segundo toque.

— Devereaux Security — disse sucintamente.

— Preciso de falar com o Caleb Devereaux, com urgência — disse Ramie. — É uma questão de vida ou morte.

Estremeceu, pensando que aquilo soava mesmo a clichê. Todos os que quisessem falar com ele diriam exatamente a mesma coisa. E, afinal, era para uma empresa de segurança que estava a ligar. Todas as chamadas que recebiam eram, provavelmente, uma questão de vida ou morte.

— O seu nome?

O homem parecia aborrecido, como se, de facto, recebesse chamadas dessas todos os dias. O medo apertou a garganta de Ramie. *Meu Deus, não deixes que este homem me ignore.*

— Ramie St. Claire — disse ela, tremendo com tanta força que os seus dentes batiam, o que tornava as suas palavras quase ininteligíveis. Agora, mais do que em qualquer altura, precisava de clareza absoluta. Cerrou o maxilar e falou com os dentes bem cerrados. — Tal como disse, é imperativo que fale com ele. Se lhe disser o meu nome, ele aceitará a chamada.

— Um momento, por favor.

A linha foi ocupada por uma aborrecida música de elevador e Ramie ficou sentada, à espera, cheia de esperança. Rezando. Morrendo mais um pouco a cada segundo.

A espera durou vários minutos. Olhou nervosamente para o balcão onde a bibliotecária estava, obviamente à espera de que terminasse. Olhava com expectativa para Ramie, o que só servia para a deixar mais ansiosa. O desespero pesou-lhe nos ombros quando percebeu que ninguém iria responder. Começava a baixar o telefone, para terminar a chamada em silêncio, quando uma voz masculina diferente surgiu na linha.

— Ramie? És tu? Onde estás? Estás bem?

Reconheceria a voz dele em qualquer lado. Conseguia muitas vezes ouvi-la em sonhos, misturada com outras vozes. Só que, por alguma razão estranha, encontrou conforto na sua voz e não tinha nenhuma razão para isso. Ele empurrara-a naqueles centímetros finais em direção à loucura e, no entanto...

Fechou os olhos com força, e o alívio deixou-a fraca e trémula. Tanto que se sentiu prestes a desmaiar. Se não estivesse já sentada, teria caído ali mesmo.

— Sim — disse com voz rouca. — Preciso da sua ajuda, Caleb. Está em dívida para comigo.

Não vacilou ao fazer o pedido. Ele estava em dívida. Não havia motivo para ser orgulhosa quando se tratava da sua vida.

— Diz-me onde estás — exigiu ele saber. — Vou ter aí imediatamente.

Ela apoiou a testa na mão livre, tentando organizar os seus pensamentos confusos. O estômago revolia-se, em parte por

medo, em parte devido a um alívio angustiante. Ele dissera que ia vir. Sem perguntas. Sem desculpas. Apenas... *sim*. Estaria a sonhar? Seria tudo aquilo mais um sonho onde havia uma mistura de Caleb Devereaux e dos demónios do seu passado? Estaria ela condenada a ser eternamente assombrada por tantas faces do mal? Mas Caleb estava à parte, a única coisa boa num mar de medo e dor.

— Estou em Shadow, no Oklahoma — conseguiu finalmente dizer. — Há alguém... Estou em apuros. Tenho *medo*.

As palavras saíram-lhe tão enroladas como os seus pensamentos. Não estava a fazer sentido, mas parecia não conseguir fazer com que a língua cooperasse.

— Pronto, devagar, Ramie. Acalma-te e organiza os pensamentos. Diz-me exatamente onde estás e o que está a acontecer.

O tom tranquilizador da sua voz era como um cobertor quente à volta dela. A segurança implícita nas suas palavras era a coisa mais doce que já ouvira na vida. E se ele chegasse junto dela tarde demais?

— Está alguém a tentar matar-me — sussurrou ela, não querendo que a bibliotecária ouvisse. — Mal lhe consegui escapar. Estava no meu quarto de hotel à minha espera, mas eu toquei na maçaneta e soube que ele estava lá. Tive de deixar o meu carro, a minha mala, *tudo*. Limitei-me a fugir. Não tenho onde ficar, nenhum dinheiro. Estou apavorada.

— Vai ficar tudo bem — disse ele com uma calma que ela não sentia de modo nenhum. — Vou arranjar um local seguro onde ficares esta noite e estarei aí o mais depressa que conseguir.

— Mas não tenho documentos — disse ela com o pânico a agitar-se profundamente no seu estômago. — Não posso simplesmente registar-me num hotel sem identificação e sem cartão de crédito. E tenho medo de ir a qualquer lado porque ele está lá fora à minha espera.

— Ramie, ouve-me. Eu vou tratar disso. Estou neste momento a ver o que posso fazer. Onde estás agora?

— Estou na biblioteca pública, mas eles estão quase a fechar — disse Ramie, olhando novamente para a bibliotecária.

— Muito bem, eis o que vou fazer. Vou mandar um carro buscar-te e o motorista vai levar-te a um hotel numa cidade vizinha. O nome do motorista é Antonio. *Não entres* no veículo com mais ninguém senão ele. Ele vai pôr-te no hotel e vais ficar lá até eu chegar.

O alívio quase a esmagou.

— Estás a perceber, Ramie?

— Sim — sussurrou ela. — Quanto tempo é que ele vai demorar a chegar aqui?

— Dez minutos, no máximo.

— Como é que conseguiu organizar uma coisa destas? — perguntou ela, perplexa.

— É o que eu faço — disse ele sucintamente. — A minha rede de contactos é extensa. Agora deixa-me desligar para poder ligar ao meu piloto. Estarei aí o mais depressa possível.

Ela terminou a chamada e caminhou lentamente até à recepção para devolver o telefone.

— Sente-se bem, querida? Está tudo resolvido?

Ramie assentiu com a cabeça, atordoada.

— Vem alguém a caminho para me buscar.

— Quer que eu espere consigo até eles chegarem?

Ramie nem sequer se preocupou em fingir que não queria incomodar. Assentiu com fervor.

— Muito obrigada. Tem sido tão simpática para mim. E, sim, sentir-me-ia muito melhor se esperasse comigo. Disseram-me que demorariam uns dez minutos.

A bibliotecária deu-lhe umas palmadinhas na mão e sorriu tranquilizadamente.

— Ficamos aqui dentro até alguém a vir buscar. E depois eu fecho tudo antes de sair.

Quando a irmã mais nova de Caleb Devereaux, herdeiro de uma família poderosa e abastada, é raptada, este recorre a Ramie St. Claire, uma mulher sensível e atraente que tem o poder de se ligar às vítimas e de as localizar, sentindo a sua dor.

Enquanto trabalham juntos, o desejo entre Caleb e Ramie torna-se evidente. E embora Ramie mal consiga resistir à tentação, tem de fugir para se proteger de uma perigosa ameaça do seu passado.

Depois de meses à sua procura, Caleb reencontra Ramie, e entregam-se a um romance arrebatador. Acolhendo-a em sua casa e protegendo-a, Caleb descobre como fazê-la esquecer a sombra que a persegue, e arrisca tudo para mantê-la a salvo — incluindo o seu coração...

**Uma leitura intensa e de tirar a respiração  
que vai deixar os leitores ávidos  
pelo segundo livro.**

*PUBLISHERS WEEKLY*

• SLOW BURN • VOLUME 1 •

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-34-3



9 789898 839343

Romance Erótico